

CYRO DE MATTOS
Ilustrações de
ALBERTO DE STEFANO

O Goleiro
Leleta
e outras
fascinantes
histórias
de futebol

Prêmio Hors-Concours Adolfo Aizen,
da União Brasileira de Escritores (RJ), 2002



1ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA
Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA
Secretária editorial: ANDRÉIA PEREIRA
Suplemento de trabalho: MARIA REGINA BELLUCCI
Coordenação de revisão: LIVIA M. GIORGIO
Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA
Layout de capa: ANTONIO ROBERTO BRESSAN
Projeto gráfico e diagramação: ESEL M. GUIMARÃES
Ilustrações: ALBERTO DE STEFANO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mattos, Cyro de

O goleiro Leleta e outras fascinantes histórias de futebol
/ Cyro de Mattos ; ilustrações de Alberto de Stefano. — São
Paulo : Saraiva, 2005. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-05085-3

1. Contos — Literatura infantojuvenil I. Stefano, Alberto
de. II. Título. III. Série.

05-2847

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5



Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810109
CAE: 571374

5ª tiragem, 2017.



Dedico a todos os meninos
que jogaram futebol comigo nos
campinhos improvisados dos terrenos
baldios, lá naquele país da infância.

SUMÁRIO

O BAHIA CONTRA O BRASIL 7

O GOLEIRO GALALAU 17

O DIA EM QUE VI GARRINCHA JOGAR 31

O GOLEIRO LELETA 49

O BAHIA CONTRA O BRASIL

Você se lembra do Badeco, um gordo e gago? No time do Bahia só jogava quem ele queria. Era o dono da bola e andava todo prosa só porque o time iria estreiar um jogo novo, de calção e camisa, que o pai trouxera de Salvador da Bahia. O Bahia, de camisa e calção, estreou o jogo novo na partida disputada contra o Brasil da rua de cima. O Badeco era um droga de meia-esquerda metido a craque, mas toda hora estava caindo no campo e se embaraçando com a bola. Também, pudera, com aquela gagueira e gordura, que balançava a barriga toda, só podia dar no que dava! Um medroso que não jogava nada, um pouquinho melhor do que Vadico, é verdade, o ponta-esquerda que só estava no time

porque era protegido do Badeco. Assim, com a meleca do Vadico no time era que ele pretendia conquistar o coração de Italva, uma menina magricela, de olho azul e cara rosada. Mas nunca conseguiu arranjar nada com a irmã do Vadico, nem sequer um passeio de mãos dadas no jardim da Prefeitura. Italva passava junto dele fazendo que não via, o nariz arrebitado, às vezes trocava até de calçada só para não encontrar com o Badeco. Ai de quem mangasse, ainda que de leve, daquele amor frustrado dele! Levava na mesma hora um bom murro na cara pra fazer sair do nariz o melado.

Foi uma lavagem vergonhosa que o Brasil deu no Bahia, de camisa e calção, quando da estreia do jogo novo pelo tricolor de aço. O time, que nasceu entre os meninos da rua do Quartel Velho para vencer, vencer e vencer e que tinha as cores azul, vermelha e branca, o escudo glorioso que tremulava no peito, foi massacrado pelo Brasil por cinco a zero. O resultado da partida não podia ser mais desastroso, um alívio quando o juiz trilou o apito final, senão o vexame seria ainda maior.

O Badeco nunca se conformou com a derrota sofrida pelo Bahia de forma humilhante para o Brasil da rua de cima. Reforçar o time era preciso, talvez com alguns meninos que jogavam uma bola redonda nos campos dos bairros. Haveria a desforra, custasse o que custasse, mais cedo ou mais tarde, ele prometia. Daí foi que veio para o Bahia o goleador Bibico, um garoto de

quem falavam maravilhas. Centroavante franzino, mas valente, não tinha medo de zagueiro que fosse mais forte ou maior do que ele. E também Tombinha, o cérebro do time, um que parecia que tinha a bola grudada no pé; o adversário nunca a tomava dele. Isso pra não falar em Daú, um barrigudinho amarelo que não tinha pinta de jogador de futebol. Mas quando chutava a bola, era aquele pontapé forte, que fazia tremer qualquer goleiro. E, falando em goleiro, ainda veio o Vigário, que fechava o arco com defesas arrojadas no pé do atacante quando parecia que o gol seria inevitável. De vez em quando, ele tinha tontura no meio do jogo, desmaiava e deixava todo mundo apavorado, parecia até que ia morrer ali mesmo, no gol. Só voltava ao normal quando vomitava e botava um caldo esverdeado pra fora do estômago. O doutor Viterbo, pai do Badeco e que era médico, deu umas pílulas para o Vigário engolir, e um bocado de lombrigas não mais passou a lhe aborrecer na barriga.

O campinho sem grama ficava numa das margens do rio. Não se via grama, de tanto que jogavam nele, às vezes à tarde na semana e pela manhã nos sábados, domingos e feriados. Não havia traves; duas varas compridas marcavam o tamanho de cada gol. Uma das laterais acabava na linha que margeava o barranco do rio e a outra era a do meio-fio da rua mesmo. O campinho só permitia seis jogadores em cada time e mais o goleiro.